

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

Jacqueline Fiuza da Silva Regis

A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DO
NASCIMENTO E DO PARTO NO BRASIL

Trabalho de conclusão do curso de
Letras Português - Licenciatura

Orientadora:

Profa. Dra. Viviane de Melo Resende – Universidade de Brasília

Brasília, novembro de 2013.

1. Introdução

A ideia desse estudo é tratar do problema da atenção ao parto no Brasil neste início de século, uma preocupação transdisciplinar que tem motivado pesquisadores em diversas áreas do conhecimento, devido ao quadro de tecnologias avançadas, no qual intervenções cirúrgicas, nomeadamente, partos cirúrgicos, têm se transformado em procedimentos de rotina, motivados não pela necessidade de se tratar patologias, mas sim por uma imaginada possibilidade de aperfeiçoamento de fisiologia.

Sobre esse tema, profissionais das áreas de saúde, da história, da antropologia, enfermagem, medicina, assistência social, psicologia, sociologia e linguagem têm realizado trabalhos desde uma perspectiva crítica (ver entre outros MOTT, 2002; DINIZ & CHACHAM, 2006; MORAIS, 2010; e DIAS, 2007). Característica essencial desta abordagem crítica é uma postura científica comprometida com a mudança social. Além de engajada, a pesquisa crítica é também realizada por um pesquisador reflexivo, que não se propõe seguir pressupostos de neutralidade científica, mas sim assumir a inevitável subjetividade a influenciar todos os seus passos, buscando dar transparência a sua prática de pesquisa também no que diz respeito a essa subjetividade. No caso desta pesquisa, minha vivência como gestante e parturiente, em dois momentos, perpassa essa subjetividade e foi decisiva para que eu despertasse para questão da assistência obstétrica no Brasil e para os movimentos sociais atuantes em prol de um resgate do parto como ato fisiológico e da concretização dos direitos da mulher a uma atenção obstétrica qualificada e respeitosa.

Ainda sobre a assunção da subjetividade e de seu incontornável papel na pesquisa, devo dizer que, neste projeto, considero valer para o estudo das questões sociais o mesmo que Heisenberg & Bohr (*apud* SANTOS, 2006: 43) defendem valer para a física quântica, a saber, não se pode medir, avaliar, um objeto sem interferir nele, a ponto de se poder afirmar que o objeto que sai de um processo de medição não é o mesmo que entrou lá, pois a ação do pesquisador sobre ele o transforma inevitavelmente. Neste ponto, gostaria mesmo de ir além e seguir as pistas deixadas por pensadores, como por exemplo, Paul Feyerabend, que lançam dúvidas acirradas sobre a pertinência da dicotomia sujeito-objeto na pesquisa. Feyerabend (2007: 33) propõe que “a ciência não conhece, de modo algum, ‘fatos nus’, mas que todos os ‘fatos’ de que tomamos conhecimento já são vistos de certo modo e são, portanto, essencialmente ideacionais”.

É nessa perspectiva crítica da prática de pesquisa que pretendo investigar a representação e, por meio dela, a identificação de sujeitos interligados em redes sociais relacionadas ao parto enquanto prática social. A investigação empírica dessas questões discursivas será realizada no campo da Análise do Discurso Crítica (ADC), que fornece as ferramentas necessárias para se investigar através da análise textual questões relacionadas à forma como os sujeitos constroem sua agência na sociedade. Ademais me sirvo da Etnografia, que amplia meu horizonte de conhecimentos sobre essa prática e me fornece mais subsídios à interpretação dos dados, relatos de parto e entrevistas de cunho autobiográfico com colaboradoras de pesquisa. Devido à natureza intrinsecamente narrativa desses dados, pareceu-me imperioso lançar mão do aporte que a Narratologia forneceria às análises.

Motivação para o projeto é também a atualidade histórica da discussão sobre as formas de parto, quando diferentes discursos sobre o parto – desde a possibilidade de parto orgásmico (DAVIS & PASCALI, 2010) até às vantagens de uma cesárea eletiva – deflagram disputas pela hegemonia na assistência obstétrica. Esses discursos são considerados numa concepção dialética, que envolve a relação entre discurso e ideologia, envolvendo tanto a reprodução quanto a transformação das práticas sociais, em meio a relações de forças que travam as batalhas pela hegemonia. Aqui, está claro, mesmo sem ser newtoniana, apoio-me teoricamente nos ombros de um pequeno gigante, visto que as lições sobre ideologia, hegemonia e relações de força, as tomei de Antonio Gramsci. Em momentos de intensa movimentação social e discussão acirrada, sinalizando a mudança social em curso, essas batalhas pela hegemonia se dão de forma mais perceptível ao analista. Como afirmam Kress & van Leeuwen (2001: 11), “discursos que ainda estão em processo de elaboração e ainda não se tornaram senso comum e sujeitos ao que Bourdieu chamou ‘amnésia da gênese’ são de particular interesse” para o analista de discurso.”

2. Objetivos

Esse projeto busca, para além da discussão meramente teórica, contribuir para a produção de conhecimentos que possam colaborar com os sujeitos empenhados nessa busca por uma “nova” maneira de parir e de nascer. Sua relevância social reside em seu engajamento declarado para o fortalecimento das campanhas pelo parto humanizado e no consequente empoderamento de mulheres (de fato ou potencialmente) gestantes,

parturientes e puérperas. Além desse objetivo maior, que motiva todo o esforço investigativo, tenho como objetivos gerais:

- a. Investigar, por meio de análise discursiva textualmente orientada, a constituição da identidade dos sujeitos e grupos sociais relacionados a essas redes no campo discursivo da parturição.
- b. Buscar entender de que forma esses discursos ordenam, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam as rotinas predominantemente vigentes no momento do parto.
- c. Tentar identificar quais são as tendências de mudança social nos discursos sobre o parto.

Diante do quadro de desenvolvimento técnico e tecnológico atual e da formação especializada de obstetras em nossa sociedade, que se sobrepõem crescentemente a processos fisiológicos próprios da natureza da mulher e ignoram suas capacidades inatas e sua complexidade como ser humano, se justifica, juntamente com Boaventura de Sousa Santos (2006: 18), perguntar “pelo papel de todo conhecimento científico acumulado no enriquecimento ou no empobrecimento prático de nossas vidas, ou seja, pelo contributo positivo ou negativo da ciência para nossa felicidade.”

Como a ADC propõe a associação de uma análise textual a uma teoria social do funcionamento da linguagem em processos políticos e ideológicos (cf. Caldas-Coulthard, 2008: 19), além de um método crítico, que forneça recursos para os sujeitos em posição desprivilegiada pelos discursos hegemônicos, essa abordagem se adéqua e justifica minha proposta de estudar os discursos sobre o parto de maneira declaradamente engajada.

Ressalte-se que a questão da qualidade na assistência às mulheres durante a gestação e a parturição é vista neste projeto como um fator relacionado a desigualdades de gênero social. Estas relações (desiguais) de gêneros sociais estão ativas na língua – resultado da estreita ligação entre processos sociais e linguísticos (cf. MAGALHÃES, 2003: 34) –, explicitá-las contribui na minimização dessas desigualdades e de seus efeitos negativos.

Na condução da entrevista e para atingir os objetivos da pesquisa, parto não de hipóteses, mas de questões de pesquisa, opção mais adequada a uma investigação de cunho etnográfico. Apresento então as questões que busco responder e entendo as respostas a cada uma delas como sendo meus objetivos específicos:

- a. Como os sujeitos envolvidos na gestação, no parto e na assistência – mulheres gestantes, doulas, parteiras, obstetras e outros mais – se identificam em narrativas e interações sociais?
- b. Como esses sujeitos representam seu papel no contexto da parturição? A que discursos se vinculam essas representações?
- c. De que forma esses discursos ordenam, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam as rotinas predominantemente vigentes nesse contexto?
- d. Que ações desses sujeitos podem ser associadas a que processos – de tendência tecnicista cirúrgica, pela cesárea, ou naturalista fisiológica, pelo parto vaginal?
- e. De que forma se pode relacionar os contextos narrados a estruturas sociais vigentes, emergentes ou decadentes?
- f. Qual o papel do conhecimento pessoal e do social, nas representações sociais compartilhadas na vivência da gestação, do parto e da assistência ao parto?
- g. Que sujeitos detêm maior ou menor poder, e conseqüentemente controle, sobre atos e impressões de outros atores ou grupos envolvidos nessa vivência? E que tipos de poder são identificados e em que situações eles são efetivos e/ou abusivos?
- h. Que formas de aceitação, legitimação ou resistência são verificadas perante o exercício ou abuso desse poder?
- i. Que aspectos culturais da sociedade estudada podem estar relacionados às práticas de parturição vigentes e/ou preconizadas?
- j. Que ideologias subjazem a essas práticas?

3. Metodologia

Como salienta Mott (2002), embora a capacidade de dar à luz faça parte da fisiologia da mulher e da reprodução da espécie “desde o início dos tempos”, o parto em si envolve práticas e costumes que ultrapassam em grande escala o meramente fisiológico, refletindo muitos dos aspectos culturais de uma determinada sociedade a um determinado tempo.

No Brasil, é crescente a visibilidade dos problemas que atingem mulheres e crianças no momento do parir e do nascer. Os números de partos cirúrgicos no Brasil fazem parte dos mais elevados mundialmente. Os dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATA- SUS) do Ministério da Saúde (MS) apontaram taxa de 39,7% em 1997, sendo que esse número excluía hospitais privados, que tradicionalmente apresentam taxas mais altas (cf. HOTIMSKY, et al. 2002: 1304)¹. As repercussões disso são elevados riscos de infecção puerperal, de mortalidade e morbidade materna, de prematuridade e mortalidade neo-natal, além de uma recuperação mais difícil da mãe, com separação entre mãe e bebê e consequente retardo do início da amamentação, fato que também acarreta outras consequências negativas (CFM, 1997, apud HOTIMSKY, et al. 2002: 1304).

Diante desse quadro, o Ministério da Saúde tem desenvolvido diversos programas e campanhas pela humanização da assistência à mulher gestante, parturiente e puérpera, visando a estabelecer os princípios da atenção que deve ser prestada. Parte desse empenho é o apelo a estados, municípios e serviços de saúde, para que cumpram seu papel, propiciando a cada mulher o direito de dar à luz, recebendo uma assistência humanizada e de boa qualidade. Outro objetivo se refere à informação e à formação de mulheres, para que elas possam reivindicar aquilo que seja mais benéfico para a sua saúde e a de seus filhos (BRASIL, 2001).

Outra mudança importante resultante do avanço do número de partos cirúrgicos – e do que pode se chamar de falta de espaços “alternativos” de apoio e assistência de qualidade ao parto vaginal – são as associações de mulheres em redes horizontais de solidariedade em busca do empoderamento das mulheres, possibilitando o seu protagonismo na vivência do parto e até mesmo a busca pelo orgasmo na boa hora.

Tanto grupos mais institucionalizados – como o Grupo de Apoio à Maternidade Ativa, Amigas do Parto, Doulas do Brasil, Rede pela Humanização do Parto e Nascimento e Parto do Princípio –, como também atuações individuais de mulheres engajadas pela humanização do parto têm se destacado neste contexto. No último caso encontramos, por exemplo, a utilização da Internet, com a publicação e a manutenção de blogs ou outras ferramentas, por meio das quais essas mulheres compartilham suas experiências com outras mulheres, exercendo assim uma agência importante nessa campanha de várias

¹ Cabe ressaltar que a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera adequada a taxa de 15% de partos cirúrgicos.

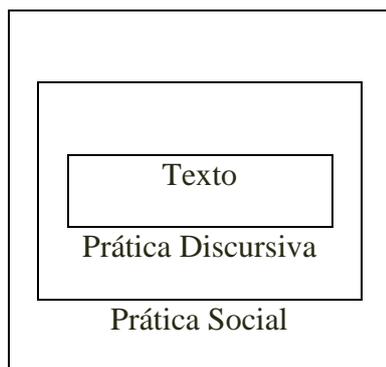
frentes pela humanização do parto. Como observa Tornquist (2002:483-4), pode-se falar de um movimento pela humanização do parto e do nascimento no Brasil desde o final dos anos 1980. O que significa que um

conjunto de medidas tidas, então, como humanizadoras busca desestimular o parto medicalizado, visto como tecnologicado, artificial e violento, e incentivar as práticas e intervenções biomecânicas no trabalho de parto, consideradas como mais adequadas à fisiologia do parto, e, portanto, menos agressivas e mais naturais.

Dentro do Hospital Universitário de Brasília (HUB), para nomear um trabalho central para esse projeto, vem sendo desenvolvido um trabalho de extensão universitária voltado para a promoção da saúde sexual e reprodutiva, coordenado pela professora, enfermeira obstetra e parteira Silvéria Maria dos Santos. O objetivo desse trabalho de extensão é contribuir para o resgate da autonomia da mulher, através de atividades de sensibilização e orientações educativas, permitindo que ela se veja e seja vista pela equipe de assistência ao parto em toda sua complexidade de ser humano (cf. OLIVEIRA, 2002).

No âmbito desse projeto de extensão são organizados encontros semanais abertos a comunidade, especialmente a gestantes. As atividades se desenvolvem, motivadas pelos temas trazidos para a roda de discussão, em uma interação que possibilita a troca horizontal de experiências entre todos os presentes: gestantes, acompanhantes, professoras, alunas bolsistas. Esses encontros semanais são o espaço principal de minha observação participante e ponto de partida para as indicações sociométricas na detecção das redes sociais a serem abordadas nesse projeto.

Norman Fairclough (1989) propõe em sua obra, *Language and Power*, um conceito tridimensional de discurso – aprimorado em *Discourse and Social Change* (1992) – segundo o qual *texto*, *prática discursiva* e *prática social* se sobrepõem – ver Quadro 1 abaixo. Assim sendo, a análise do discurso orientada linguisticamente também deve ser realizada em três dimensões: a *análise linguística* do texto; a *análise da prática discursiva*, ou a especificação da natureza dos processos de produção e interpretação textual; e, por fim, a *análise social* da situação de ocorrência do evento discursivo e de como ela molda a natureza da prática discursiva. Ou seja, o pesquisador, analista do discurso, se volta para relação entre a referência dos elementos linguísticos e o que se localiza fora da linguagem, nas estruturas sociais.



Quadro 1

Esse modelo foi, contudo, substituído por uma abordagem diferente proposta em sua obra conjunta com Lilie Chouliaraki (FAIRCLOUGH & CHOULIARAKI, 1999), *Discourse in Late Modernity*. Embora a nova proposta mantenha as três dimensões, à *prática social* é atribuída maior centralidade, sendo o discurso apenas mais um dos componentes dessa prática, que, além disso, se compõe de outros momentos, nomeadamente: relações sociais; determinados tipos de atividades, relacionadas a determinados locais materiais, espaciais e temporais; determinadas pessoas, com suas experiências, conhecimentos e disposições; e, entre outras coisas, determinados recursos semióticos. E, como defende van Leeuwen (2008: 5), todos os textos podem ser encarados como representações de práticas sociais, sendo por isso adequado analisá-los discursivamente, desde uma perspectiva crítica, buscando identificar esses distintos momentos e entender como eles fundamentam, e ao mesmo tempo, transformam essas práticas.

A diferença de se trabalhar com Análise do Discurso desde uma perspectiva crítica está, conforme Coulthard (2008: 23), em não somente descrever as práticas discursivas, mas ir além buscando evidenciar de que forma ideologias e relações de poder condicionam essas práticas. Ou seja, a análise deve considerar processos de produção textual para uma interpretação da prática social. Em *Analysing Discourse*, Fairclough (2003) apresenta mais detalhadamente um quadro de análise textual, de que forma a Linguística enquanto disciplina pode contribuir para o estudo crítico de questões sociais. O autor (FAIRCLOUGH, 2003: 2), cuja proposta é chamada de *análise do discurso textualmente orientada*, defende que a versão de ADC proposta nesta obra

se baseia no pressuposto de que língua é uma parte irredutível da vida social, dialeticamente interconectada com outros elementos da vida

*social, de forma que a análise e a pesquisa social tem de levar em conta a questão da língua. Isso significa que uma maneira produtiva de se fazer pesquisa social é por meio de um foco na linguagem, se utilizando de alguma forma de análise do discurso. [...] e muitas vezes faz sentido utilizar a análise do discurso em conjunção com outras formas de análise, por exemplo, a etnografia ou formas de análise institucional.*²

É importante ressaltar que a análise textual é vista nesta abordagem como meio de acesso aos momentos da prática social citados acima, pois se considera que os discursos que subjazem às práticas sociais se materializam em textos, somente assim se tornando acessíveis ao pesquisador, que pode, por meio de sua análise, identificar seus efeitos sociais e as ideologias que os sustentam. O que mais especificamente caracteriza a ADC a diferenciando da análise meramente linguística, é sua proposta de transdisciplinaridade – sem a qual não se poderia alcançar um entendimento sobre processos complexos como práticas sociais – e seu declarado compromisso com a mudança social.

A ADC é nas palavras de van Dijk (2003: 352), um tipo de análise discursiva, cujo foco principal é o estudo de como o abuso de poder, que ameaça direitos básicos de determinado grupos, é ordenado, reproduzido e resistido por meio do uso da língua, escrita ou falada, num determinado contexto social e político. Sendo que o analista se posiciona explicitamente com sua proposta de entender, tornar público e, sobretudo, fazer parte do movimento de resistência e pela mudança desse quadro social abusivo.

Coulthard (2008: 31) defende que sempre, a cada interação, os sujeitos assumem uma determinada perspectiva, na qual se podem vislumbrar as visões de mundo e conseqüentemente as ideologias destes sujeitos. A perspectiva assumida se revela no uso da língua, pois o uso da língua envolve escolhas, que nunca são neutras, sobre o quê e como falar. Estas escolhas se baseiam nas múltiplas identidades sociais do sujeito, em pertencimento a determinados grupos sociais e também nas ideologias assimiladas.

Para realizar uma análise discursiva crítica é necessário observar como os usuários da língua se identificam e agem em uma prática discursiva como sujeitos de um contexto social. Pois, de acordo com Gee (1990, *apud* Coulthard, 2008: 30), as práticas discursivas são modos de comportamento que colocam os falantes em determinados grupos sociais, estando a língua usada por eles sempre integrada às práticas sociais que constituem

² Todas as citações com referências no original são livres traduções de minha autoria.

discursos particulares. Como os falantes fazem parte de distintos grupos sociais ou comunidades, nos quais se utilizam de distintas práticas discursivas, pode-se afirmar que essas práticas correspondem a nossas múltiplas identidades. Identidades essas que não são estáticas ou dadas a priori, mas que estão sendo renegociadas a cada interação, que é limitada pelos discursos específicos de cada grupo social. Esses discursos e seus limites, entretanto, também são influenciados e reestruturados, ainda que minimamente, a cada interação. Por isso é interessante observar a interação de grupos formados em torno da temática gestação, parto e puerpério, para vislumbrar que discursos e/ou potenciais mudanças sociais estão iminentes. E para tanto se adéqua indubitavelmente o marco teórico da ADC, que segundo Teun A. van Dijk, (2008: 821), “não é uma teoria ou um método, mas um movimento acadêmico de estudiosos interessados na análise de problemas sociais fundamentais, como a reprodução discursiva da dominação ilegítima.”

Como já mencionado anteriormente, pretendo lançar mão de ferramentas metodológicas etnográficas e analíticas, como a *observação participante*, *indicações sociométricas*, as *notas de campo*, *entrevistas temáticas abertas* e *semi-estruturadas*, e *análise de narrativas*. E, por se tratar de uma abordagem qualitativa, opto neste projeto por trabalhar não com hipóteses, a serem testadas, ou teses, a serem defendidas, mas sim com *questões de pesquisas*. Não me servirei de hipóteses, para evitar o risco de encontrar apenas o que estava procurando e já acreditava saber de antemão. As *questões de pesquisa* que apresento não são retóricas, não demandam apenas uma confirmação ou uma refutação, mas sim uma resposta.

Essas questões servirão para conduzir a coleta de dados, possibilitando um acúmulo descritivo de detalhes para se chegar a interpretações do fenômeno estudado, num método declaradamente indutivo. Como frisei, vejo as respostas às questões de pesquisa como sendo meus objetivos específicos, além deles, apresentei acima três *objetivos gerais*, os quais, para não os tornar maiores que a própria pesquisa, entendo como *objetivos iniciais*, pois não quero nem sequer esperar que não mudem no decorrer da pesquisa, concordando com Feyerabend (2007: 33) quando afirma que

um meio complexo, contendo desenvolvimentos surpreendentes e imprevistos, demanda procedimentos complexos e desafia uma análise baseada em regras que tenham sido estabelecidas de antemão e sem levar em consideração as condições sempre cambiantes da história.

A etnografia é a *descrição densa* (GEERTZ, 1989) de um grupo social por meio de imersão e interação do pesquisador dentro e com este grupo. Dentro das teorias críticas a etnografia tem um caráter dialógico, dialético e colaborativo. *Dialógico e colaborativo* porque se dá não entre pesquisador e informante, mas sim entre colaboradores de pesquisa, em uma interação sem hierarquias. *Dialético* porque as interpretações resultam de interações entre distintas pessoas e opiniões, sendo feito um esforço de se expor, no relatório da pesquisa, toda a complexidade dos processos sociais sem buscar uma verdade única e homogênea (cf. ANGROSINO, 2009: 28).

Para realização dessa pesquisa dialógica, dialética e colaborativa se faz necessária a conjunção de distintas técnicas e triangulações, de forma a garantir um acesso o mais diverso possível à questão estudada. A primeira das técnicas proposta neste projeto é a *observação participante*.

Agrosino (2009: 34) afirma que a *observação participante* é na realidade “um contexto comportamental a partir do qual um etnógrafo usa técnicas específicas para coletar dados”. O autor fala aqui de contexto comportamental, porque a observação participante diz respeito a um comportamento por parte do pesquisador, que procura participar da comunidade estudada, de forma a ser aceito como um de seus membros e colaboradores. Neste contexto é negociada a colaboração na pesquisa, estando todos os colaboradores – o pesquisador inclusive – em pé de igualdade e buscando juntos gerar os dados a serem interpretados. Garantida a observação participante, pode-se lançar mão de diferentes ferramentas na coleta ou geração dos dados, por exemplo, de *indicações sociométricas*.

Indicações sociométricas são entendidas aqui como a nomeação por parte dos colaboradores de pesquisa de outros possíveis interlocutores para o pesquisador, que tem assim maiores chances de aceitação por ter sido indicado por alguém. Tal técnica tanto facilita a abordagem de novos colaboradores, como ajuda a identificar as redes sociais de influência em torno da questão estudada. A análise dessas redes sociais não segue, como afirma Milroy (2008: 549), nenhum procedimento canônico.

O importante é que essas redes sociais constituem comunidades de prática, ou seja, um agrupamento de pessoas ligadas em torno de uma questão específica, de um problema comum do cotidiano, e que nessas comunidades de prática os significados sociais são co-construídos (cf. ECKERT, 2000 *apud* MILROY, 2008: 553). O essencial nesta forma de reconhecimento de rede de colaboradores é que se trabalha com uma unidade social pré-

existente e autodefinida, independentemente de um recorte prévio e artificial realizado externamente ao grupo, pelo pesquisador.

É importante acrescentar que nesse projeto se pretende ampliar a categoria de *indicação sociométrica*, utilizando-a não somente para a indicação de pessoas, mas também de literatura, obras cinematográficas e outros recursos apontados pelo grupo ou qualquer um dos colaboradores como pertinentes ao tema. Faço isso me apoiando no conceito de *mediação* defendido por Fairclough (2003: 30), que se refere ao “movimento de significados”, entre práticas sociais, eventos e textos, que resulta em um processo semiótico complexo, no que ele chama de *cadeias* ou *redes textuais*. Segundo ele,

Sociedades complexas envolvem a associação³ de diferentes práticas sociais através de diferentes domínios ou campos da vida social [...] e através de diferentes escalas da vida social [...]. Textos são uma parte crucial dessas redes de relações – as ordens do discurso associadas a redes de práticas sociais especificam formas particulares de encadeamento e redes de relações entre tipos textuais.

Amplio a categoria de *indicação sociométrica* também porque pretendo estudar a linguagem em uso inserida em práticas sociais, em eventos comunicativos, considerando a proposta de multimodalidade sugerida por Kress & van Leeuwen (2001) em sua obra *Multimodal Discourse*, ou seja, o uso de uma variedade de recursos semióticos para gerar signos em contexto sociais concretos.

Para dar conta do registro das informações obtidas durante a observação participante, serão conduzidas anotações de campo, as chamadas *notas de campo*. Segundo Angrosino (2009: 59), essas notas devem conter descrições do cenário da observação, dos participantes e seus comportamentos e interações, assim como, uma cronologia dos eventos e o registro de conversas e de outras interações verbais.

Na interação com os colaboradores, serão realizadas *entrevistas temáticas abertas*, nas quais o tema é apresentado como um tópico a ser comentado, deixando as delimitações e recortes temáticos a cargo do colaborador de pesquisa. E também *entrevistas temáticas semi-estruturadas*, com perguntas específicas, relacionadas a uma determinada questão ou tópico de interesse definidos previamente pela pesquisadora – em comum acordo com o que defende a historiadora Lucilia de Almeida Neves Delgado

³ No original *networking*.

(2006: 22), que argumenta que entrevistas temáticas podem “constituir-se em desdobramento dos depoimentos de histórias de vida, ou compor um elenco específico vinculado a um projeto de pesquisa, a uma dissertação de mestrado ou tese de doutoramento”.

Recorro a uma historiadora, pois, nesse ponto, será de extrema valia uma maior aproximação com a metodologia da história oral, tal como a apresentam Amado & Ferreira (2001: xvi), isto é, como uma metodologia que estabelece e ordena procedimentos de trabalho. Um primeiro contato com algumas obras introdutórias já mostrou que aprofundar as relações com a história oral ampliará os usos possíveis das entrevistas, auxiliará no planejamento e execução das mesmas e poderá alertar para possíveis armadilhas como o faz a leitura do clássico texto de Bourdieu, *A Ilusão Biográfica*, presente na coletânea de Amado & Ferreira (2001).

Além disso, pelo menos desde que a historiadora Verena Alberti (ALBERTI, 2003: 1) alertou para a necessidade de uma maior atenção dos pesquisadores que trabalham com história oral à análise linguística, cresceu o número desses profissionais que vêm tentando uma aproximação com a linguística, sobretudo, via ADC. Com esse projeto, pretendo trilhar um pouco um caminho recíproco, buscando possibilitar alguns diálogos para além das disciplinas.

A *análise de narrativas* será utilizada na análise de textos pessoais, resultados de entrevistas ou interações em grupos focais e também de relatos de partos publicados por paridas em blogs ou comunidades virtuais⁴ relacionados à parturição. Para Verena Alberti (2000: 5),

(...) a trajetória individual, não é coisa dada, mas construída à medida mesmo em que é feita a entrevista. Se a pessoa tem o costume de refletir sobre sua vida, provavelmente já tem uma espécie de sentido cristalizado para alguns acontecimentos e percursos e pode preferir relatar esses, em vez de outros.

Os autores de narrativas organizam suas experiências e constroem suas histórias no momento mesmo em que estão compondo seus textos. Esses textos não são meros relatos

⁴ Como defende a pesquisadora Gerlinde Mautner (2005), embora ainda seja relativamente pequeno o número de analistas do discurso que buscam na rede mundial de computadores seus corpora de pesquisa, isso seria atualmente altamente recomendável e frutífero quando se trata de fazer pesquisas relevantes socialmente.

fatuais, mas sim um processo semiótico, no qual as vivências recebem significados existentes somente a partir da reflexão sobre o vivenciado. Ao narrar um fato, as pessoas fazem escolhas lexicais, gramaticais e de estilo que não são neutras. Essas escolhas refletem aspectos sociais, ideológicos e discursivos que podem ser explicitados por meio de uma análise textual crítica dessas narrativas, que por sua vez fornecerá elementos para enriquecer as interpretações do pesquisador (cf. GIBBS, 2009: 95). Com relação à narratologia, pretendo aprofundar minhas leituras nessa área, quando de minha estada em Jena, sob a supervisão da Prof. Dr. Claudia Hammerschmidt, cuja área de atuação, a Ciência Literária, é a principal fonte de estudos relacionados a esse tema.

Mesmo que já se tenha de certa forma consolidado o que Beatriz Sarlo (2005: 22) denominou *giro subjetivo*, que descreve o conjunto de inovações acadêmicas que levam à revalorização da *primeira pessoa* e à validação dos relatos de experiência como fontes de conhecimento, creio ainda poder me deparar com resistências como as que expressou Edward Paul Thompson (1981: 16) há algumas décadas em sua ferrenha crítica ao estruturalismo althusseriano:

Talvez se pudesse argumentar que a experiência é realmente um nível muito inferior de mentação; que ela só pode produzir o mais grosseiro “senso comum”, “matéria-prima” ideologicamente contaminada, que dificilmente se qualificaria para ingresso no laboratório de Generalidades I.

Contudo, também como Thompson, “não creio que seja assim”:

(...) pelo contrário, considero tal suposição como uma ilusão muito característica dos intelectuais que supõem que os comuns mortais são estúpidos. Em minha opinião, a verdade é mais nuançada: a experiência é válida e efetiva, mas dentro de determinados limites: o agricultor “conhece” suas estações, o marinheiro “conhece” seus mares, mas ambos permanecem mistificados em relação à monarquia e à cosmologia.

Assim como, diria eu, gestantes, parturientes e puérperas, “conhecem” os fenômenos do gestar e do parir devido a suas experiências, mas, geralmente, nem elas, nem a analista sozinha, podem facilmente desvendar processos ideológicos mais profundos relacionados ao gestar e ao parir, sem um esforço reflexivo que demanda certa

dedicação. O que proponho é que a experiência, que por alguns pode ser vista como “senso comum limitado” é um excelente ponto de partida para essa reflexão mais atenta. Além disso, concordo com Boaventura de Sousa Santos (2006: 9) quanto defende que “a ciência, em geral, depois de ter rompido com o senso comum, deve transforma-se num novo e mais esclarecido senso comum”.

4. Exercício analítico

Com o anseio de acessar esses aspectos da representação, analisei o relato de parto buscando aplicar as categorias relacionadas aos três significados discursivos propostos por Fairclough (2003): o significado acional, o representacional e o identificacional. O primeiro diz respeito ao significado do texto enquanto parte da (inter)ação em eventos sociais. O segundo está ligado à representação do mundo nos textos, aos discursos presente em cada texto. E o terceiro é pertinente ao processo de identificação presente na construção textual, por meio da qual atores sociais identificam e são identificados.

Dentre essas categorias, no referido estudo, as que se mostraram mais úteis aos meus propósitos foram a *intertextualidade* e a *pressuposição*, relativas ao significado acional; a *interdiscursividade* e, em certa medida, *escolha lexical*, relativas ao significado representacional; e, por fim, a *avaliação*, o *estilo* e a *modalidade*, significado identificacional. Devido aos limites estabelecidos para a redação do artigo, atendo-me a seguir a apresentar somente alguns resultados da análise, nomeadamente os que dizem respeito à *interdiscursividade* e à *intertextualidade*.

1. Análise de dados

1.1. Da interdiscursividade

Apresento inicialmente exemplos de passagens textuais consideradas representativas da *interdiscursividade* identificada no relato de Amanda, para em seguida fazer as considerações sobre cada uma delas. Em cada uma delas sublinho os indicadores dos discursos sobre o parto aí perfilados.

- a) Quando engravidei, já sabia de cara, que era ela a médica que eu gostaria que me acompanhasse na gravidez e no parto. Sonhava em ter meu filho retirado de dentro de mim por ela.
- b) Acho que o maior medo que eu tinha na gravidez era justamente que acontecesse alguma coisa com a Dra. Ana Luiza que a impossibilitasse de fazer o meu parto, afinal de contas eu a tinha “escolhido” para ser minha obstetra.
- c) - Parto normal ? - acho muito difícil você conseguir ter parto normal. Você, além de ser primigesta, já tem 36 anos. Provavelmente nem vai entrar em trabalho de parto !
- d) - Dr. Ricardo, aqui é o Ariel, marido da Amanda. Estivemos no seu consultório nesta semana. O senhor se lembra da gente?
- Claro que sim, Ariel. Como vai ?
- A Amanda entrou em trabalho de parto.
- Ok. Então pode ir pra o Hospital Brasília que eu faço a cirurgia !
- e) Lá fora, a escolha não é sua. A escolha é feita no momento em que o médico diz: - É... o feto está entrando em sofrimento. Os batimentos cardíacos estão acelerados. Você não tem dilatação de jeito nenhum (nem com aplicação de ocitocina). É a última hipótese. Cirurgia é só em última instância. Afinal de contas, o corpo da mulher é programado pra parir naturalmente.
- f) - É Dr. mesmo sendo muito velha, prefiro tentar entrar em trabalho de parto primeiro. Pretendo esperar a recuperação da Dra. Ana Luiza. Ela sabe que a cesárea é a minha segunda opção. Não vou marcar cesárea. No mínimo, quem vai definir a data do parto vai ser o meu bebê. Ele é que vai dizer o dia.

Os extratos de (a) a (d) são representativos de um *discurso intervencionista e de medicalização do parto*. A opção lexical por verbos como *retirar* (o filho) e *fazer* (o parto) refletem em (a), como parte desse discurso a forte tendência vigente em nossa sociedade pró procedimento cirúrgico, forma pela qual melhor se pode *retirar* um bebê de dentro da mãe. Já *fazer o parto* em (b) pode ser apontada como uma lexia cristalizada, indicando uma estrutura social na qual a agência exercida no parto, o protagonismo na ação social, é atribuída não à parturiente, mas sim ao obstetra, aquele que *faz*.

Em (c), as afirmações do obstetra, podem ser consideradas como uso abusivo da autoridade conferida pelo papel social exercido e legitimadora da intervenção cirúrgica, que podem levar a um desempoderamento da mulher. Ao mencionar a idade de Amanda como possível empecilho para um parto normal, pode-se dizer que o Dr. Ricardo serve de exemplo para o que van Leeuwen (2008: 76) define como *personalized time summons*, determinações de tempo personalizadas. Essas determinações ocorreriam quando a limitação do tempo que alguém tem para realizar determinada ação é exercida por uma terceira pessoa, que em certo contexto retém, ou se imbui autoritariamente, do direito “marcar o tempo”, o tempo adequado para gestar e parir. E em (d), ao afirmar que fará a cirurgia sem cogitar nenhuma outra possibilidade, Dr. Ricardo pressupõe a normalidade e o primado da intervenção, na forma do que podemos com Fairclough (2003) nomear uma *pressuposição proposicional*, sobre como as coisas são ou serão.

Os exemplos (d) e (e), por sua vez, são indicadores do *discurso pró parto natural*, segundo o qual, entre outras coisas: o corpo da mulher deve ser reconhecido como, salvo a ocorrência de patologias, fisiologicamente preparado para parir; e o bebê, quando adquire a maturidade necessária, é o iniciador do trabalho de parto.

1.2. Da intertextualidade

Passo agora à enumeração de alguns exemplos considerados aspectos de *intertextualidade* no relato de Amanda, sublinhados na listagem abaixo.

g) Percebi que havia cinco chamadas não atendidas dela. Só escutei a última. Só de ver que ela tentara entrar em contato comigo tantas vezes, já fiquei apreensiva. - O que será que aconteceu ? - Porque ela estaria me ligando tantas vezes ? - Será que aconteceu alguma coisa com ela ? - Meu Deus ! Só me faltava essa!

h) Eu e meu marido chegamos ao consultório.

- Boa noite, Dr. Ricardo. A Dra. Ana Luiza pediu que eu viesse aqui.

- Boa noite, Amanda. Ela já havia me ligado antes e me falou de você, como você está se _____ sentindo?

- Bem.

[...]

i) - Ok. Então pra quando você quer marcar a sua cirurgia ?

j) - Pensei com os meus botões: “-será que estou tão idosa assim ?”.

k) O meu marido tentou me acalmar pois eu fiquei transtornada com a falta de tato daquela figura jurássica que se julgava o dono da verdade. Ora ! - busque ler mais Dr. ! - Se atualize ! - será que o senhor só pensa em ganhar mais dinheiro ?

Em (g) encontramos uma das ocorrências do que na literatura sobre linguística textual é denominado intertextualidade com texto próprio. No relato analisado, Amanda se utiliza dessa estratégia tanto para citar diretamente palavras por ela proferidas ou simplesmente pensadas, como em (j) e em (k). Tem-se a impressão de que ela representa assim suas ações numa tentativa de aproximar sua leitora ao máximo do evento relatado. Ao deixar entrever que muitas vezes pensou mas não disse, Amanda dá indícios da assimetria na interação entre gestante e obstetra. As vozes atribuídas relatadas diretamente em (h) e (i), como em outras passagens presentes no texto, demonstram uma abertura para a dialogicidade e a diferença. Nessa representação me parece mesmo que a texturização pretende mesmo ressaltar a diferença, a polêmica em torno de como deveria/poderia ser o parto de Amanda.

2. Considerações finais

O exercício de análise empreendido neste estudo foi para mim muito importante para experimentar concretamente como pode ser possível, mais além de afirmar ou reconhecer que atores sociais agem, representam e (se) identificam na prática discursiva, perceber por meio da utilização de que estratégias linguísticas isso se dá.

Também me foi possível perceber porque Fairclough (2003: 6) afirma ser sua proposta de ADC especialmente adequada à análise de textos curtos. Pois, ao reler o texto buscando por categorias distintas, a sensação que tive foi a de não se tratar de um único texto, mas sim de vários textos fundidos um ao outro gerando ilusão de unicidade e encobrendo inúmeras camadas de significação. Essa sensação me fez lembrar sua observação (Fairclough, 2003: 202) quando escreve que

deveríamos partir do pressuposto de que nenhuma análise textual poderá nos dizer tudo que pode ser dito sobre o texto. Em termos de realismo crítico, deveríamos distinguir o realizado do empírico e não imaginar que as verdadeiras natureza e propriedades de eventos e textos se reduzem àquilo que conseguimos enxergar neles desde uma determinada perspectiva em um determinado momento.

Quanto a meu objetivo neste estudo, qual seja, identificar as representações discursivas dos atores envolvidos na gestação e no parto de Amanda, para, baseada nisso, sugerir uma interpretação sobre os discursos de parto intrincados em nossa sociedade, entendo que com as duas categorias acima discutidas dei os primeiros passos rumo a sua realização. Contudo, sinto a necessidade de agregar as categorias aqui excluídas por razões de tempo-espaço (para fazer alusão a uma outra categoria da ADC) para sustentar uma interpretação mais sólida da representação do evento social em questão.

Por ora, o que posso registrar é que, conforme demonstra a análise apresentada, aplicadas as categorias da *interdiscursividade* e da *intertextualidade*, percebemos a existência de um interdiscurso, composto por elementos de um *discurso intervencionista e de medicalização do parto* e de um *discurso pró parto natural*. Também se percebem seleções lexicais indicadoras de um discurso que atribui o protagonismo no parto não à parturiente, mas sim ao obstetra. Além disso, é flagrante o uso linguagem como ação legitimadora da intervenção cirúrgica e possível desempoderamento da gestante. Outro aspecto que o texto permite entrever são indícios da assimetria na interação entre gestante e obstetra, ressaltada na texturização da diferença, da polêmica em torno de como deveria/poderia ser o parto de Amanda.

5. Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. Indivíduo e biografia na história oral. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.
In http://www.cpdoc.fgv.br/Producao_intelectual/htm/tp_download.htm, disponível em 19 de maio de 2007.
- ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In *Anais eletrônicos do Simpósio Nacional de História João Pessoa: ANPUH-PB, 2003*, http://www.cpdoc.fgv.br/Producao_intelectual/htm/tp_download.htm, disponível em 07 de setembro de 2009.
- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. vii-xxv.
- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e Observação Participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARBOUR, Rosaline. *Grupos Focais*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. 183-191

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. *Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.
- CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Da Análise do Discurso à Análise Crítica do Discurso: Introduzindo Conceitos. In CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa & SCLIAI-CABRAL, Leonor (orgs.). *Desvendando Discursos: conceitos básicos*. Florianópolis: Ed da UFSC, 2008.
- DAVIS, Elizabeth & PASCALI-BONARO, Debra. *Orgasmic birth: your guide to a safe, satisfying, and pleasurable birth experience*. Nova York: Rodale, 2010.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DIAS, Juliana de Freitas. *O Renascimento do Parto: Discurso e Identidade*. Tese de Doutorado em Linguística. Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas. Universidade de Brasília, 2007.
- DINIZ S. G. & CHACHAM, A. S. O “corte por cima” e o “corte por baixo”: o abuso de cesáreas e episiotomias em São Paulo. In *Questões de Saúde Reprodutiva*; I(1): 80-9. Abrasco: Rio de Janeiro, 2006.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Language and Power*. New York: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse e social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse*. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman & CHOULIARAKI, Leslie. *Discourse in Late Modernity*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.
- FEYERABEND, Paul. Introdução. In *Contra o Método*. São Paulo: UNESP, 2007. p. 31-43
- GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 3-21
- GIBBS, Graham. *Análise de Dados Qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, 6 vols. Edição de Carlos Nelson Coutinho, com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999-2002.
- HALL, Stuart. Antonio Gramscis Erneuerung des Marxismus und ihre Bedeutung für die Erforschung von “Rasse” und Ethnizität. In *Ideologie, Kultur, Rassismus. Ausgewählte Schriften I*. Hamburg: Argument, 2000. p. 56-91
- HOTIMSKY, S. N. et al. Expectativas de Gestantes acerca do Parto e da Assistência Obstétrica. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 18(5): 1303-1311, set-out, 2002.
- KRESS, Gunther & VAN LEEUWEN, Theo. *Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication*. London, New York: Arnold; Oxford University Press, 2001.
- MAGALHÃES, Izabel & LEAL, Maria Christina Diniz. Discurso, Gênero e Educação. In MAGALHÃES, Izabel & LEAL, Maria Christina Diniz (2003) (orgs.). *Discurso, Gênero e Educação*. Brasília: Editora Plano, 2003. p. 9-18

- MAGALHÃES, Izabel. Interdiscursividade e Identidade de Gênero. In MAGALHÃES, Izabel & LEAL, Maria Christina Diniz (orgs.). *Discurso, Gênero e Educação*. Brasília: Editora Plano, 2003. p. 33-62
- MAUTNER, Gerlinde. Time to get wired: Using web-based corpora in critical discourse analysis. In *Discourse & Society*, November 2005; vol. 16, 6. p. 809-828.
- MILROY, Lesley. Social Networks. In J. K. CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter & SCHILLING-ESTES, Natalie. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2008. p. 549-572.
- MORAIS, Fátima Raquel Rosado. *A humanização no parto e no nascimento: os saberes e as práticas no contexto de uma Maternidade pública brasileira*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.
- MOTT, Maria Lúcia. Bibliografia Comentada sobre a assistência ao parto no Brasil. In *Revista de Estudos Feministas*, Jul 2002, vol.10, no.2, p.493-507.
- MOTT, Maria Lúcia. Parto. In *Revista de Estudos Feministas*, Jul 2002, vol.10, no.2, p. 399-401.
- OLIVEIRA, Bárbara Letícia R. de *et al.* O Enfermeiro como Educador – A Atuação do Enfermeiro no Contexto Hospitalar. In *Revista de Pedagogia*, ano 3, número 6, Notas de Pesquisa. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Um Discurso sobre as Ciências. São Paulo: Cortez, 2006.
- SARLO, Beatriz. Tiempo pasado. In *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005. p. 9-26
- THOMPSON, Edward Palmer. „Mesa, você existe?“. In *A miséria da Teoria, ou planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 13-18
- TORNQUIST, Carmen Susana. Armadilhas da Nova Era: Natureza e Maternidade no Ideário da Humanização do Parto. In *Revista de Estudos Feministas*, Jul 2002, vol.10, no.2, p.483-492.
- VAN DIJK, Teun A. Critical Discourse Analysis. In SCHIFFRIN, Deborah et al. *The Handbook of discourse analysis*. Oxford: Blackwell, 2003.
- VAN DIJK, Teun A. Critical discourse analysis and nominalization: problem or pseudo-problem? In *Discourse Society*, 2008 - 19. p. 821-828
- VAN LEEUWEN, Theo. *Discourse and Practice: New Tools for Critical Discourse Analysis*. Oxford: University Press, 2008.